

# A finitude humana no mundo contemporâneo: reflexões a partir de Adolfo Borges

Luiza Helena Torezani\*

## Sumário

1. Introdução: 1.1. Reflexões iniciais sobre a finitude humana no contexto contemporâneo: a finitude humana no mundo contemporâneo: exploração filosófica a partir do artigo de Adolfo Borges. 2. Reflexões sobre a finitude material do homem: Jesus Cristo, Sócrates e Tutancâmon. 2.1. Jesus Cristo: a morte como transcendência e ressurreição. 2.2. Sócrates: a morte como libertação. 2.3. Tutancâmon: a morte e a permanência material. 4. Conclusão: síntese e concepção da morte como transformação e continuidade no cosmos. Referências.

## Resumo

O presente artigo reflete sobre a finitude humana no mundo contemporâneo, inspirando-se no texto de Adolfo Borges, intitulado *“Breve Estudo Filosófico sobre a Finitude Humana”*. A análise abrange perspectivas filosóficas e históricas sobre a morte, utilizando como referenciais três figuras icônicas: Jesus Cristo, Sócrates e Tutancâmon. Esses personagens são examinados sob diferentes aspectos: a transcendência espiritual, a libertação do pensamento e a permanência simbólica. Conclui-se que a morte, além de uma inevitabilidade física, representa uma transformação que nos reintegra ao cosmos, revelando a continuidade da existência em um nível energético e universal.

## Abstract

*This article reflects on human finitude in the contemporary world, inspired by Adolfo Borges's text “Brief Philosophical Study on Human Finitude”. The analysis encompasses philosophical and historical perspectives on death, drawing from three iconic figures: Jesus Christ, Socrates, and Tutankhamun. These characters are examined from different perspectives: spiritual transcendence, the liberation of thought, and symbolic permanence. It concludes that death, beyond physical inevitability, represents a transformation that reintegrates us into the cosmos, revealing the continuity of existence on an energetic and universal level.*

---

\* Pós-Graduada em Metodologia do Ensino pela Universidade Castelo Branco. Servidora aposentada do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro. Professora aposentada da Rede Estadual de Ensino do Estado do Rio de Janeiro.

**Palavras-chave:** Finitude humana. Morte. Filosofia. Transcendência. Cosmos. Jesus Cristo. Sócrates. Tutancâmon.

**Keywords:** *Human finitude. Death. Philosophy. Transcendence. Cosmos. Jesus Christ. Socrates. Tutankhamun.*

## 1. Introdução

### 1.1. Reflexões iniciais sobre a finitude humana no contexto contemporâneo: a finitude humana no mundo contemporâneo: exploração filosófica a partir do artigo de Adolfo Borges

A leitura do artigo do filósofo e jurista Adolfo Borges, intitulado “*Breve Estudo Filosófico sobre a Finitude Humana*”, publicado na *Revista do Ministério Público* (nº 94/2024), revelou-se uma experiência profundamente instigante. Ao explorar a universalidade da morte e sua inevitabilidade, o autor nos convida a enfrentar um tema que, ao mesmo tempo, nos aterroriza e nos define. Sua coragem em abordar a finitude humana em um contexto filosófico é admirável e nos desafia a refletir sobre nossa própria condição em um mundo que oscila entre o inteligível, o mecânico e o subjetivo.

A profundidade temática de Borges não apenas impressiona, mas também aponta para um fenômeno curioso: a tensão entre a tentativa de compreender a morte racionalmente e a inevitável subjetividade que a envolve. Afinal, se a razão nos leva a aceitar a morte como um dado inescapável da existência, a subjetividade nos lembra de nosso apego ao ser, ao tempo e à continuidade da vida. Nesse sentido, sua análise filosófica transcende o discurso acadêmico e atinge uma dimensão pessoal, confrontando-nos com nossa própria mortalidade e a forma como nos situamos no mundo.

O enfoque que apresento aqui, longe de se distanciar do pensamento tratado no artigo de Borges, busca ampliar algumas das questões que ele aborda. Sua reflexão sobre o caráter mecânico e, paradoxalmente, subjetivo do mundo contemporâneo sugere que, embora a sociedade esteja cada vez mais imersa em um ritmo automatizado e tecnologizado, o enfrentamento da morte permanece, em essência, um ato profundamente humano e subjetivo. Em um mundo onde máquinas e algoritmos parecem moldar a experiência cotidiana, como o ser humano encara sua finitude? Seria possível que a mecanização da existência tornasse a morte ainda mais aterrorizante, pela perda gradual da profundidade relacional e emocional que define a humanidade?

Borges também nos lembra de que a finitude não deve ser tratada como um problema a ser resolvido, mas como uma parte indissociável da condição humana. Essa ideia ressoa com o pensamento de filósofos como Heidegger, que em *Ser e Tempo*

descreve a morte como o “possível mais próprio” do ser humano, ou seja, aquilo que pertence exclusivamente a cada indivíduo e que torna a existência autêntica. A morte, nesse sentido, não é apenas um fim, mas um horizonte que dá significado à vida. No entanto, em um mundo cada vez mais voltado para o imediato e para a produtividade, resta a pergunta: ainda somos capazes de viver com autenticidade diante da finitude?

## **2. Reflexões sobre a finitude material do homem: Jesus Cristo, Sócrates e Tutancâmon**

Ao refletir sobre a finitude humana, proponho-me a tratar da dimensão material do homem, confrontando-a com a perspectiva de três personagens históricos que nos oferecem visões contrastantes sobre a morte: Jesus Cristo, Sócrates e o faraó menino Tutancâmon. Cada um deles, a partir de contextos culturais e filosóficos distintos, nos ensina algo profundo sobre o significado da morte física e da morte da essência humana.

### **2.1. Jesus Cristo: a morte como transcendência e ressurreição**

Nos Evangelhos de Mateus, Lucas e João, Jesus Cristo nos confronta com duas formas de morte: a morte física e a transcendência espiritual. Em um momento emblemático, durante sua crucificação, ele se dirige ao ladrão que o acompanha na tortura mortal e afirma:

Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso. (*Lucas 23:43*)

Essa frase sintetiza a ideia de que a morte física não é o fim, mas o portal para uma existência além da matéria. Cristo, por sua ressurreição, simboliza a superação da finitude material por meio da graça divina, mostrando que a morte não é apenas uma aniquilação, mas uma transformação. No encontro com Maria Madalena, após ressuscitar, ele reafirma essa noção ao dizer:

Não me detenhas, pois ainda não subi para o Pai. Mas vai a meus irmãos e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus. (*João 20:17*)

Jesus nos oferece uma visão reconfortante da morte, como uma passagem para um estado de comunhão eterna com o divino, além das limitações do corpo físico.

### **2.2. Sócrates: a morte como libertação**

Sócrates, em sua defesa registrada por Platão na *Apologia de Sócrates*, encara a morte com serenidade e até humor. Para ele, a morte física é uma oportunidade

de libertar a alma das amarras do corpo e das limitações humanas, como as paixões, a cultura e a materialidade. Ele declara:

A morte é uma das duas coisas: ou é um estado de nada e total inconsciência, ou, como dizem, é uma mudança e migração da alma deste mundo para outro. [...] A morte, longe de ser um mal, é uma bênção.

Sócrates vê a finitude como uma oportunidade de alcançar o que sempre desejou como filósofo: a liberdade absoluta para o pensamento. Para ele, a morte é um benefício natural, que nos conduz ao estado puro de contemplação e conhecimento, livre das barreiras impostas pela existência física.

### **2.3. Tutancâmon: a morte e a permanência material**

Tutancâmon, o jovem faraó do Egito antigo, representa uma visão distinta da morte. Embora sua morte tenha ocorrido há milênios, ele ressurgiu na memória coletiva por meio da ciência e da arqueologia. Sua tumba, descoberta em 1922, revelou um mundo cuidadosamente preparado para a pós-vida, repleto de carruagens, sandálias, riquezas e símbolos de poder.

Esse ressurgimento demonstra como a materialidade da morte pode ser desafiada pela preservação cultural. Hoje, sabemos mais sobre Tutancâmon do que durante sua vida: sua aparência, suas doenças e os traços de sua época foram revelados por mãos humanas, reafirmando que a morte física pode ser superada pela perpetuação de um legado.

### **4. Conclusão: síntese e concepção da morte como transformação e continuidade no cosmos**

A comparação entre esses personagens históricos exprime minha concepção de que a morte, longe de ser uma destruição, rompe a barreira física e nos permite incorporar o que realmente somos no universo: energia propulsora. Jesus Cristo nos ensina sobre a transcendência espiritual; Sócrates, sobre a libertação do pensamento; e Tutancâmon, sobre a permanência simbólica através do legado.

Comungo com Sócrates na crença de que a morte é um benefício natural, que nos revela não como meros humanos, mas como parte do cosmos. A morte dissolve as fronteiras entre o humano e o não humano, permitindo-nos retornar à terra, aos mares, ao ar e aos elementos primordiais que nos constituem e nos limitam pela vida biológica. A finitude material, assim, não é o fim, mas um convite a reverenciar a força energética que move o planeta, transformando-nos de seres humanos em algo maior: parte do todo, uma continuidade vibrante e eterna da vida no universo.

## Referências

BÍBLIA SAGRADA. *Evangelho segundo Lucas, capítulo 23, versículo 43. Evangelho segundo João, capítulo 20, versículo 17*. Traduções diversas, exemplo: Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BORGES, Adolfo. Breve estudo filosófico sobre a finitude humana. *Revista do Ministério Público*, n. 94, p. 247-253, 2024.

FELIX, Wagner. A ontologia mortal de Martin Heidegger. *Natureza Humana*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 68-88, dez. 2017. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302017000200006](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302017000200006). Acesso em: [27/11/2024].

\_\_\_\_\_. In: APA (2017). A ontologia mortal de Martin Heidegger. *Natureza Humana*, 19(2), 68-88. Recuperado de [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302017000200006](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302017000200006). Acesso em: [27/11/2024].

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. In: \_\_\_\_\_. *Diálogos*. Tradução de J. A. Segurado e outros. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

\_\_\_\_\_. *Fédon*. Tradução de J. A. Segurado e outros. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

\_\_\_\_\_. *Fédon*. Tradução de Maria Teresa Schiappa de Azevedo. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2022. Disponível em: <https://cful.letras.ulisboa.pt/wp-content/uploads/2022/03/Fedon-traducao-Maria-Teresa-Schiappa-de-Azevedo.pdf>. Acesso em: [12.042023].